

O CORPO ANDRÓGINO — INSCRIÇÕES DO MASCULINO EM BOM-CRIOULO, DE ADOLFO CAMINHA

CORPS ANDROGYNE — DES INSCRIPTIONS DU MASCULIN DANS L'OEUVRE BOM-CRIOULO, DE ADOLFO CAMINHA

Osmar Pereira Oliva *

RESUMO: Seduzido pela escrita de Adolfo Caminha e pelas descrições do corpo masculino, procuro investigar essas representações na narrativa Bom-Crioulo.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, homocrotismo, corpo masculino

RÉSUMÉ: Séduit par l'écriture d'Adolfo Caminha et par les descriptions du corps masculin, j'ai cherché à faire des investigations à propos de ces représentations dans la narrative Bom-Crioulo.

MOTS-CLÉS: Genre, homoérotisme, corps masculin

O amor rouba seu nome da palavra gancho (amus), que significa capturar ou ser capturado, pois aquele que ama foi capturado na malha do desejo e aspira do mesmo modo a capturar alguém. Tal como o hábil pescador busca atrair peixes com sua isca e capturá-los com seu envergado anzol, da mesma forma o homem que é prisioneiro do amor tenta atrair o objeto de sua afeição com seduções e empenha todo o seu ânimo na união de dois distintos corações com indissolúvel laço, ou então, se os vê já reunidos, envida esforços em mantê-los assim para sempre. (Andréas Capellanus. De arte Honeste Amandi, Livro I, final do século XII)¹

A obra Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha, publicada em 1895, tematiza a homossexualidade masculina abertamente, sem qualquer preocupação em escamotear as relações afetivas entre marinheiros brasileiros – brancos e negros, comandantes e subalternos se envolvem sexualmente, fazendo afluir suas sexualidades, irreconhecíveis socialmente e punidas também no meio em que estão inseridos. Apesar de tratada nessa

* Doutor em Literatura Comparada. Professor Titular de Literaturas de Língua Portuguesa, na UNIMONTES. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Estudos Literários.

¹ Citado por Orsini, p. 19.

obra como uma patologia², a homossexualidade masculina mostra suas várias facetas, inclusive o trânsito de uma identidade de gênero para outra, como procurei demonstrar em *O Corpo e a Voz – Inscrições do Masculino em Narrativas Queirosianas* (OLIVA, 2002).

Influenciado pelas correntes do Realismo-Naturalismo, o autor procurou descrever, minuciosamente, o espaço e as personagens, a fim de dar-lhes a maior verossimilhança possível. A minuciosa descrição das personagens serviu à análise de tipos, consoante as tendências do Determinismo taineano, que analisa o homem como um produto da raça, do meio e do momento³. O século XIX, em sua segunda metade, viu aflorar um certo sentimento decadentista. O homem oitocentista parece descrente quanto ao futuro e vê o presente como um momento de angústia e insatisfação. As primeiras descrições feitas por Adolfo Caminha antecipam uma atmosfera de declínio e certa melancolia:

A velha e gloriosa corveta – que pena! – já nem sequer lembrava o mesmo navio d’outrora, sugestivamente pitoresco, idealmente festivo, como uma galera de lenda, branca e leve no mar alto, grimpendo serena o corcovo das ondas!...

Estava outra, muito outra com o seu casco negro, com as suas velas encardidas de mofo, sem aquele esplêndido aspecto guerreiro que entusiasmava a gente nos bons tempos de “patescaria”. (...)

Toda ela mudada, a velha carcaça flutuante, desde a brancura límpida e triunfal das velas até à primitiva pintura do bojo. (CAMINHA, 1995: 09).

Essas descrições, de grande apelo visual, evocam imagens dos tempos áureos da corveta e de suas navegações “guerreiras”, um tempo perdido, marcado por grandes feitos. No tempo presente da enunciação, a corveta, quase sempre atracada ao porto, enferrujando suas engrenagens, vai ser o espaço propício para o desenvolvimento das afeições contra a

² No final do século XIX, como afirma SOARES (1992: 74) —, a homossexualidade era uma prática comum, principalmente nas comunidades fechadas, distanciadas do convívio social —, com a família, como nos navios —, que ficavam longo tempo em alto-mar, nos seminários ou nos exércitos, onde somente homens integravam os grupos internos. Devido aos avanços científicos, inclusive na área médica, surgiu a necessidade de classificar as anomalias, entre as quais foi incluída a homossexualidade, considerada um desvio da norma, uma patologia. Interessante que, nessa obra, a masturbação também é vista como uma anormalidade do sujeito que a pratica; os médicos recomendavam que fossem evitadas essas práticas. Em *Bom-Crioulo*, um marinheiro é punido a chicotadas por ter sido pego praticando, às escondidas, à noite, no convés do navio, esse ato “criminoso”.

³ A teoria de Hipolite Taine explica, de certa forma, o comportamento do ex-escravo Amaro, um homem negro, forte, discriminado e punido, constantemente, pelas menores infrações cometidas em seu trabalho braçal na corveta; o narrador refere-se a ele como um animal irracional, idiota, formado apenas por uma incrível massa muscular, que atrai olhares e desperta sensações eróticas. Inserido em um espaço ocupado quase todo por brancos, esse negro sofre as maiores humilhações e realiza os trabalhos mais pesados. A sua recompensa é a chegada do adolescente Aleixo, de 15 anos, branco, louro, olhos azuis, que o seduz à primeira vista e por quem se apaixona fatalmente. Na corveta, os marinheiros sabiam das relações contra a natureza, que eram freqüente entre eles, incluindo a figura do comandante do navio, de quem diziam “coisas”.

natureza. É um espaço ocupado apenas por machos, distante das mulheres e do ambiente familiar. A carência afetiva deve ser suprida de alguma maneira, pois os marinheiros passam longo tempo fora de casa. Segundo CASTELO BRANCO (1985: 52), comentando KRAFT-EBING (1932),

o homem, biologicamente fadado a “esvaziar suas vesículas seminais” seria levado a recorrer, em ambientes de carência de presenças femininas, à prática de tais fenômenos “contra a natureza”: “Vamos encontrar ocorrência de relações homossexuais em masturbadores, impotentes ou corruptores, ou, esporadicamente, em homens e mulheres sensuais submetidos a situações de aprisionamento, em navios, em tropas militares, em prisões, em internatos, etc.”

Nesse espaço da reclusão vão conviver brancos e negros, onde o preconceito e a discriminação sempre se farão presentes, pois o negro era visto, ainda, como um ser inferior, bestial e passivo, como se comprova na seguinte passagem:

Outras bocas foram transmitindo a ordem até que surgiu, correndo, a figura exótica de um marinheiro negro, d’olhos muito brancos, lábios enormemente grossos, abrindo-se num vago sorriso idiota, e em cuja fisionomia acentuavam-se linhas características de estupidéz e subserviência. (CAMINHA, 1995: 10)

A visão que o narrador tem do negro reflete a opinião comum da sociedade brasileira do final do século XIX. É interessante observar que, apesar de ser descrito como subserviente, é o negro quem demonstra atitudes de coragem e força, na conduta diária. É ele quem está sempre metido em arruaças. Na relação homossexual que passará a ter com Aleixo, o grumete recém-chegado, o negro Amaro desempenhará papel ativo, o que domina, possui e penetra, enquanto o branco assumirá papel submisso, passivo, notadamente feminino, pelo menos no início desse relacionamento⁴. A não ser pelo amor que sente por outro homem, nada denuncia em Amaro a sua homossexualidade. Ao contrário, o narrador atribui ao negro certas características típicas do macho tais como agressivo, robusto, atlético:

Com efeito, Bom-Crioulo não era somente um homem robusto, uma dessas organizações privilegiadas que trazem no corpo a sobranceira resistência do bronze e que esmagam com o peso dos músculos.

⁴ Assim que os dois amigos alugam um quarto, para passarem juntos os dias de folga do trabalho na corveta, Aleixo passa a conviver com a presença de dona Carolina, a portuguesa – uma figura tanto feminina quanto materna. As ausências do negro, transferido para outros serviços em alto-mar, favoreceram a aproximação e a descoberta de outra identidade sexual para Aleixo, que afirma, no ato sexual e no convívio com a portuguesa, a sua heterossexualidade.

A força nervosa era nele uma qualidade intrínseca sobrepujando todas as outras qualidades fisiológicas, emprestando-lhe movimentos extraordinários, invencíveis mesmo, de um acrobatismo imprevisível e raro. (CAMINHA, 1995: 15)

Essas descrições de Bom-Crioulo dão-lhe uma feição animalesca, irracional, principalmente quando o narrador soma a elas os seus vícios alcoólatras e suas tendências para a prática da violência. A força do negro e a sua aparência viril são minadas pela afeição que alimenta por Aleixo, “um belo marinheiro de olhos azuis, muito querido por todos e de quem se diziam ‘coisas’ ” (CAMINHA, 1995: 16). Otávio Paz (2001) nos diz que aquele que ama busca a formosura humana. O amor nasce à vista da pessoa bela. Esse é o primeiro movimento em direção ao amado.

Portanto, é possível ao amante sentir-se seduzido por qualquer um dos sexos, desde que seja belo. Isso nos faz pensar que a homossexualidade ou a heterossexualidade depende da sedução que a beleza do objeto contemplado exerce sobre nós. Amaro, ao se acercar do grumete, cortejando-o, lembra o amante cortês, romântico, protegendo-o dos demais marinheiros e sentindo-se cada vez mais seduzido por ele: “estimava o grumete e tinha certeza de o conquistar inteiramente, como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem, um país de ouro... Estava satisfeitíssimo.” (CAMINHA, 1995: 16). Amaro espera conquistar uma mulher em um corpo de homem. A visão que tem dessa conquista se associa ao amor romântico, no qual a mulher é valorizada pela formosura e pela virgindade. Aleixo se configura como um bem a ser possuído, tornando Amaro obsessivo e inconseqüente.

Enquanto Aleixo é visto, aos olhos de Amaro, como um andrógino, meio homem, meio mulher, o narrador constrói uma imagem bastante viril do negro:

Bom-Crioulo tinha despido a camisa de algodão, e, nu da cintura pra cima, numa riquíssima exibição de músculos, os seios muito salientes, as espáduas negras reluzentes, um sulco profundo e liso de alto a baixo no dorso, nem sequer gemia como se estivesse a receber o mais leve dos castigos. (CAMINHA, 1995: 16)

Interessante que o castigo eram cinquenta chibatadas, as quais ele suporta sem um gesto qualquer de dor. Esse Apolo negro, também sedutor, amalgama identidades de gênero contrárias, já que à figuração da força e do corpo viril e atlético se opõe uma alma sensível, capaz de se apaixonar perdidamente por outro homem. A identidade masculina sempre esteve associada à força e à virilidade que dão sustentação ao mito do guerreiro, tão bem

representado na mitologia grega por Marte. Por outro lado, a identidade feminina se associa à sensibilidade, à fragilidade e à delicadeza, assim como Aleixo é descrito na narrativa, até o momento em que passa a se relacionar sexualmente com D. Carolina. O Apolo de ébano se sente seduzido por Aleixo, mas também seduz os marinheiros, quando o vêem completamente nu a nadar, e o narrador, quando se detém em descrever, acentuadamente, o corpo de Amaro:

A bordo, todos o estimavam como na fortaleza, e a primeira vez que o viram, nu, uma bela manhã, depois da baldeação, refestelando-se num banho salgado – foi um clamor! Não havia osso naquele corpo de gigante: o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos, dando uma idéia de força física sobre-humana, dominando a maruja, que sorria boquiaberta diante do negro. (CAMINHA, 1995: 20)⁵

Como se vê, toda a marujada se sentiu atraída pela perfeição física do negro, cujo domínio sobre os outros homens não se explica apenas pela sua força e virilidade, mas sobretudo pela sua nudez, que é um intenso fator de erotismo porque é costumeiramente proibida. Quanto mais inacessível ou proibido, mais excitante é o objeto de desejo. Como diz DORAIS (1994: 38):

Sem a existência de obstáculos, antecipados ou reais, entre eles e o objeto do seu desejo, parece que esse desejo não dura, nem sequer é possível. Com efeito, a presença de certo antagonismo aparece como a pedra angular da erotização, como o elemento que desencadeia a mecânica do desejo.

Em Bom-Crioulo, o obstáculo ou interdição é tanto de caráter moral quanto de gênero, pois Amaro é um homem negro que, nessa cena, é admirado por outros homens. O que parece destoar dessas descrições e do poder de atração de Amaro é o fato de ele ser apresentado sempre como um macho típico, mas acabar se apaixonando por outro homem. A sua afeição por Aleixo é interpretada por ele mesmo e pelo narrador como um vício, uma patologia. A atração por Aleixo surgiu espontaneamente, à primeira vista, como um movimento irrefreável e fatal:

(...) essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a

⁵ Essa cena, que apresenta um homem nu, admiravelmente belo e viril, se assemelha muito à cena descrita por Eça de Queirós em *A Ilustre Casa de Ramires*, quando o bastardo de Baião é capturado pelos homens de Tructesindo Ramires e de D. Garcia, para puni-lo por crime de assassinato e de honra. Também nessa cena há um grupo de homens, admirando um corpo masculino nu: “Alguns cavaleiros correram a mirar a aviltada nudez do homem famoso de Baião.” (QUEIRÓS, 1970: 686, v. II).

Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. (...) o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a (...) (CAMINHA, 1995: 21)

Uma paixão avassaladora surge desse primeiro contato com os olhos, apenas, despertando em Amaro o desejo ardente de possuir o grumete, de amá-lo. Apesar da sua perfeição física, modelo do corpo de macho, ele nunca sentira atrações por mulheres, apesar de tê-las experimentado duas vezes, em que “dera péssima cópia de si como homem” (CAMINHA, 1995: 24). Por outro lado, o comportamento de Aleixo, a princípio, aproxima-se do comportamento feminino. Além de adolescente, fase em que o menino vive um conflito de identidade de gênero, o grumete tem gestos e atitudes delicadas, como as de uma menina, sem falar na pele clara, os olhos azuis, “com o seu cabelo alourado, com as suas formas rechonchudas, com o seu todo provocador” (CAMINHA, 1995: 23).

A relação afetiva que se estabelece entre Amaro e Aleixo é semelhante às relações pederásticas da Grécia Antiga. O negro é já um homem formado, experiente, enquanto Aleixo está na fase de formação. Uma das atitudes da conquista e dos ensinamentos do negro para o menino é dizer-lhe que é bonito, por isso seria bom ter um espelhinho para arrumar-se melhor e comprovar a sua beleza, como diz o narrador:

(...) não abandonou o trastezinho, guardando-o com zelo no fundo da trincheira, como quem guarda um objeto querido, uma preciosidade rara, e todas as manhãs ia ver-se, deitando a língua fora, examinando-se cuidadosamente, depois de ter lavado o rosto. (CAMINHA, 1995: 25)

As atitudes de Aleixo, nessa cena, são bem femininas. Percebendo as alterações que vêm se operando no comportamento do grumete, sob sua influência, Amaro utiliza outras estratégias de sedução, prometendo

levá-lo ao teatro, ao Corcovado, à Tijuca, ao Passeio Público, a toda parte. Haviam de morar juntos, num quarto da Rua da Misericórdia, num comodozinho de quinze mil-réis onde coubessem duas camas de ferro, ou mesmo só uma, larga, espaçosa... (CAMINHA, 1995: 26)

Amaro trata Aleixo como se trata uma mulher; as características que descreve e admira nele são atributos femininos. Seduzido pelo que o amante lhe oferece, o adolescente cede e se deixa possuir, mais por interesse de ter uma vida um pouco melhor do que aquela vivida ali, na corveta, e menos por afeição ao negro. Portanto, o seu relacionamento homossexual dura apenas enquanto duram os seus interesses próprios. Após a primeira relação sexual

acontecida no convés do navio, os dois vão morar juntos em um quarto alugado a uma portuguesa, D. Carolina, amiga de Amaro. O negro, além de possuir Aleixo, tinha desejos extravagantes e libertinos, como nos diz o narrador:

Bom-Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma “mulher à-toa”, propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pêlo: queria ver o corpo... (CAMINHA, 1995: 38)

Ao contemplar o jovem, Amaro o vê como uma mulher, nunca como um homem; com o receio da traição de Aleixo, o negro pensa que o adolescente pudesse vir a traí-lo com outro homem, jamais com uma mulher. Como já dissemos, Aleixo não é homossexual, mas se encontra homossexual, por conveniência. Em nenhum momento ele sente prazer em estar com Amaro, antes, parece sentir certa repulsa. Como diz QUEIROZ (1992: 246):

O fato do adolescente ter cedido aos desejos de Amaro não significa, para ele, que tenha deixado de ser homem ou que ele tenha assumido decisivamente seu papel feminino. O que houve, e isso fica claro no momento da separação dos dois, foi uma ‘troca de favores’.

A forma como o narrador descreve o corpo do adolescente, comparando-o ao efebo, associando-o às descrições clássicas, aproxima-se da forma como Eça de Queirós e Abel Botelho descrevem o corpo masculino em suas narrativas. Em Bom-Crioulo, o narrador nos diz:

Aleixo surgia-lhe agora em plena e exuberante nudez, muito alvo, as formas roliças de calipígio ressaltando na meia sombra voluptuosa do aposento, na penumbra acariciadora daquele ignorado e impudico santuário de paixões inconfessáveis... Belo modelo de efebo que a Grécia de Vênus talvez imortalizasse em estrofes de ouro límpido e estátuas duma escultura sensual e pujante. (CAMINHA, 1995: 39).

Esse olhar seduzido sobre o corpo masculino, comparando-o aos corpos das estátuas gregas, é um dos leit-motivs recorrentes na literatura homoerótica do século XIX. É importante observar que o nu artístico foi bastante cultuado na era clássica, o que permitia um gozo de quem o contemplasse, com a isenção de estar admirando uma obra de arte e não um corpo real. Na literatura, essas constantes descrições podem ser influências das convenções parnasianas, que se voltaram para a tradição clássica como fonte de inspiração. Enquanto os poetas retomaram a perfeição formal e a linguagem rebuscada dos sonetos, os

romancistas resgataram a perfeição dos corpos masculinos, a partir da beleza das pinturas e das formas das esculturas greco-latinas. Mas essa beleza e perfeição físicas, representadas pelos romancistas do século XIX, poderiam estar associadas ao ideal de corpos masculinos fortes, sadios e viris para ingressarem no processo desenvolvimentista e industrial. Esses corpos significariam mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho da era moderna.

O jovem grumete não passa despercebido a D. Carolina, que também se sentiu atraída por ele, dedicando-se a conquistá-lo:

Há dias metera-se-lhe na cabeça uma extravagância: conquistar Aleixo, o bonitinho, tomá-lo para si, tê-lo como amantezinho do seu coração avelhentado e gasto, amigar-se com ele secretamente... (CAMINHA, 1995: 44).

Aqui, percebemos um duplo movimento erótico: primeiro, Aleixo passa a ser visto como um objeto de desejo masculino, ao contrário de como era visto por Amaro; segundo, é o feminino quem toma iniciativa na conquista amorosa. Isso se justifica porque D. Carolina é mais velha e mais experiente e também porque Aleixo “ainda não é homem”. É a portuguesa quem irá iniciá-lo no mundo dos machos⁶.

Aleixo, por sua vez, mostrava-se reconhecido, não subia para o quarto sem antes a cumprimentar; tomava consciência de que o amigo não lhe fazia falta; era-lhe mesmo desnecessário, agora que tinha sobre si os olhos e os cuidados de D. Carolina. Começou a sentir arrepios voluptuosos, ereções nervosas, depois de vê-la deitada, de camisa curta, as pernas de fora. Daí em diante, Aleixo, sempre descrito de maneira efeminada, vai passando por um processo de masculinização. Sua identidade feminina cede lugar à identidade viril, “ficara abominando o negro, odiando-o quase, cheio de repugnância, cheio de nojo por aquele animal com formas de homem, que se dizia seu amigo unicamente para o gozar.” (CAMINHA, 1995: 56)

⁶ Apesar de não ter discutido os aspectos da antropomorfização, presentes nas descrições dos atos sexuais envolvendo as personagens de Bom-Crioulo e tão recorrentes nas narrativas naturalistas, gostaria de fazer uma breve referência à análise da triangulação amorosa Amaro/Aleixo/Carolina, feita por Luiz Gonzaga Morando Queiroz. Para esse autor, o relacionamento de Aleixo com Amaro deu-se por identificação com o PAI, em quem encontrou proteção, força e “virilidade”. No relacionamento de Aleixo com D. Carolina, houve um reencontro com a MÃE, também símbolo de proteção, carinho e aconchego; a portuguesa representa o útero. No entanto, “as cenas de relação sexual antropomorfizam as personagens, acentuando o caráter profano da trindade: Amaro sentia ‘ímpetos de touro’ (...) Carolina parecia ‘um animal formidável, (...) uma vaca do campo extraordinariamente excitada’ e Aleixo, nas relações com Carolina, sentia-se possuído de ‘grande ímpeto selvagem de novilho insaciável’.” (QUEIROZ, 1991: 252). Para QUEIROZ, esse recurso parece ter sido empregado por Adolfo Caminha com a intenção de afirmar o pensamento determinista de que a natureza vale mais que a vontade humana, já que é regida pelas leis da vontade, do desejo, do sangue, ou seja, uma vitória do instinto sobre a razão e sobre as normas.

Depois de possuir a portuguesa, Aleixo se esquece completamente do amigo, que se encontra hospitalizado⁷. Ao iniciar-se sexualmente com uma mulher, Aleixo perde o interesse pela homossexualidade, fato que não aconteceu com Amaro, pois já havia experimentado relações heterossexuais, mas não gostara, preferia o amor dos rapazes. Toda a sua atenção se volta para a portuguesa, desejando possuí-la a qualquer hora,

estava gordo, forte, sadio, muito mais homem, apesar da pouca idade que tinha, os músculos desenvolvidos como os de um acrobata, o olhar azul penetrante, o rosto largo e queimado. (CAMINHA, 1995: 65)

O narrador apresenta características de Aleixo que condizem, agora, com o paradigma de identidade sexual que o adolescente assume. A sensibilidade, a doçura do seu olhar azul e a fragilidade de um corpo andrógino cedem lugar a adjetivos másculos que demarcam a sua nova identidade sexual: forte, gordo, sadio, mais homem, musculoso, largo e queimado. Além disso, um outro adjetivo se impõe nessa seqüência semântica de masculinidade – penetrante. Já apontamos anteriormente que, na relação com Amaro, Aleixo ocupava o espaço da passividade, do que recebe no corpo o membro viril do negro. A partir desse momento, o adolescente assume a identidade de Marte. Ele será o guerreiro, o que domina, aquele que penetra, enquanto D. Carolina será o elemento passivo nessa nova relação sexual.

Mesmo assim, gostaria de comentar o comportamento “viril” da portuguesa durante o ato sexual, como se comprova na seguinte passagem: “[D. Carolina] Bateu a porta e começou a se despir a toda pressa, diante de Aleixo, enquanto ele deixava-se estar imóvel, muito admirado para essa mulher-homem que o queria deflorar ali assim, torpemente, como um animal.” (CAMINHA, 1895: 46 – os grifos são meus). A partir dos grifos que fiz, notamos que o próprio narrador atribui ao ato sexual da portuguesa um caráter másculo, já que quem toma a iniciativa, normalmente, é o homem e é ele quem deflora a mulher, e não o contrário. A primeira relação heterossexual de Aleixo poderia ter acontecido em qualquer hora do dia, pois se encontrava ocioso na casa da portuguesa, mas o fato se deu à noite, o que, para mim, assume uma simbologia de ritual de transição. À noite, metamorfoses acontecem para se revelarem com o sol do novo dia. Assim, o narrador nos informa que o

⁷ Depois de uma briga com um português, da qual saiu ferido, Amaro é internado em um hospital, sem o conhecimento de Aleixo, ficando muitos dias longe do amigo, o que favoreceu a aproximação de Aleixo e à D. Carolina. Amaro envia um bilhete a Aleixo, mas o recado se extravía. Ao passar o tempo e, não recebendo a visita do grumete, Amaro desconfia de que ele tenha arranjado outro amante e o esteja traindo. O negro não pensa na possibilidade de o jovem relacionar-se sexualmente com uma mulher.

adolescente/homem “Acordou cedinho, pela madrugada. Queria ir para bordo no escaler das compras.” (CAMINHA, 1895: 47)

Essa cena pode ser compreendida como o desejo do novo homem de se mostrar diferente em um meio que o havia corrompido. De uma certa forma, Aleixo parece querer provar a todos que conseguiu resgatar sua identidade masculina e sua dignidade. Na cena seguinte a essa citada, o adolescente manifesta sua vontade de nunca mais encontrar-se com o negro Amaro:

— Se fosse possível não me encontrar mais, nunca mais, com aquele negro, ah! que felicidade! pensava o grumete aproximando-se de um grupo de marinheiros do cais. (CAMINHA, 1895: 47)

Mas Bom-Crioulo não podia perdoar tamanha traição. Assim que consegue fugir do hospital, ele vai ao encontro do amigo e se depara com a verdade inesperada: Aleixo estava amigado com D. Carolina. O amor que sentia pelo adolescente era tão extremo que, se não podia mais possuí-lo, deveria então matá-lo. É o que de fato acontece; a traição de Aleixo foi cobrada com a sua morte, pois o amante não suportou o abandono, a perda, preferindo o crime e a prisão a ver o seu objeto de amor em outras mãos.

Enquanto Aleixo muda de comportamento e experimenta uma nova forma de amar, o mesmo não acontece com Amaro. Eros subjuguou-o completamente, tornando-o escravo da paixão, irracional e passional. O amante sofre porque é presa daquele que ama e dele não consegue se libertar. Como diz PAZ (2001), as interdições e os abandonos conduzem os amantes ao sofrimento e, em seguida, a novas buscas, pois o amor é eterna busca e incompletude. O amor nasce de uma atração involuntária que pode acarretar servilidade e/ou liberdade, segundo o nosso livre-arbítrio. No entanto, contrariando PAZ, é impossível amar e estar livre, simultaneamente. Quem ama está terminantemente aprisionado ao objeto de seu amor. Somente quem não ama é ou está verdadeiramente livre. Talvez por isso a amizade seja mais sublime do que o amor, como acreditava PLATÃO, ou, como diz o próprio PAZ (2001: 103), “A amizade é uma virtude eminentemente social e mais duradoura que o amor”; o amor está condenado à morte porque nasce, na opinião de PAZ, do exterior, da contemplação do corpo formoso e, como tal, é filho do tempo, está predestinado a transformar-se ou a morrer, para de novo recomeçar, infinitamente.

Referências bibliográficas

BARCELLOS, José Carlos. Identidades problemáticas: configurações do homoerotismo masculino em narrativas portuguesas e brasileiras (181-1959). *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*. Belo Horizonte, v.18, n.23, jul./dez.,1998.

BARCELLOS, José Carlos. Literatura e Homoerotismo Masculino: Perspectivas Teórico-metodológicas e Práticas Críticas. *Caderno Seminal*. Rio de Janeiro, DIALOGARTS, ano 7, n. 8. p. 7-42, 2000.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Ática, 1995.

CASTELO BRANCO, Lúcia. *Eros travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro*. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DORAIS, Michel. *O Erotismo Masculino*. São Paulo: Loyola, 1994.

KRAFT-EBING, R.V. *Psychopathia sexualis*. 12. ed. New York, Physicians and Surgeons Book Company, 1932.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLIVA, Osmar Pereira. *O Corpo e a Voz – Inscrições do Masculino em Narrativas Queirosianas*. Belo Horizonte, 2002. Tese (Doutorado em Literatura). Faculdade de Letras da UFMG.

PAZ, Otávio. *A dupla chama – amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 2001.

QUEIRÓZ, Luiz Gonzaga Morando. *As duas faces da moeda: uma leitura da obra de Aluísio Azevedo*. Belo Horizonte, 1997, 229f. Tese (Doutorado em Literatura). Faculdade de Letras da UFMG.

QUEIRÓZ, Luiz Gonzaga Morando. *Transgressores e transviados: a representação do homossexual nos discursos médico e literário no final do século XIX (1870-1900)*. Belo Horizonte, 1992, 293f. Dissertação (Mestrado em Literatura). Faculdade de Letras da UFMG.